

A autora, que  
atribui sua  
recuperação ao  
empenho do  
médico e ao amor  
da família.



Susannah Cahalan ficou tão enlouquecida que poderia passar o resto da vida numa instituição para doentes mentais – até que um médico brilhante reconheceu sua doença estranha mas curável

# O meu mês perdido de

# LOUCURA

● do *New York Post*

FOTOGRAFADO POR SHANNON TAGGART

**Num certo dia frio de março**, senti que havia algo esquisito quando caminhava rumo ao meu trabalho no *New York Post*. O céu estava tão azul que fazia doer os olhos. Os *outdoors* da Times Square me atacaram com vermelhos, amarelos e roxos violentos. Era como se o mundo tivesse ficado mais vibrante, mais barulhento, mais doloroso. Quando cheguei à redação, perguntei a uma amiga:

– Já se sentiu como outra pessoa?

– Claro. – Ela riu. – Raramente me sinto como eu mesma.

Ri também, mas por dentro estava preocupada. Eu era uma moça saudável de 24 anos, com um novo namorado e co-

meçando uma carreira. Ultimamente, porém, vinha sentindo dormência e formigamento no lado esquerdo do corpo e a cabeça meio “desligada”.

Numa sexta-feira, desmoronei.

Estava redigindo um texto quando comecei a chorar histericamente, sem motivo. Os colegas de trabalho se reuniram, tentando entender o que acontecia. Momentos depois, enxuguei os olhos e saí dando pulinhos, eufórica.

Naquela noite, entrei em pânico. Estaria enlouquecendo?

Consultei um neurologista, que me mandou fazer alguns exames, inclusive duas ressonâncias magnéticas. Nada. “Talvez seja mononucleose”, sugeriu ele. “Ou um vírus.”

Então ele disse que faria outros testes e fui para casa ficar com meu namorado. Mais tarde, ele me contou que comecei a ranger os dentes, a gemer e morder a língua, até que desmaiei.

Foi a primeira crise convulsiva. E a última coisa de que me lembraria durante um mês. O restante só sei por causa do que contam minha família, meu namorado e os amigos.

Embora a tomografia não mostrasse nada, meu comportamento era cada vez mais esquisito. “Estou morrendo por causa do melanoma”, disse ao meu namorado. (Cinco anos antes eu fizera um tratamento bem-sucedido para um melanoma.) Comecei a falar em processar os médicos e a imaginar que eles vinham me pegar.

Mas, mesmo após as convulsões e os delírios paranoicos, o neurologista não parecia preocupado. “Provavelmente é abstinência de álcool”, alegou.

Estava convencido de que eu era alcolátrata, mas eu raramente bebia.

Minha família, então, resolveu me levar para a casa de minha mãe, onde continuei a piorar.

Não conseguia mais dormir. Eu me recusava a comer. Não controlava os pensamentos incoerentes. Convinco-me de que era bipolar e que estava sofrendo um colapso nervoso.

Então tive uma segunda convulsão. Sangue e espuma escorreram da minha boca no tapete oriental da sala.

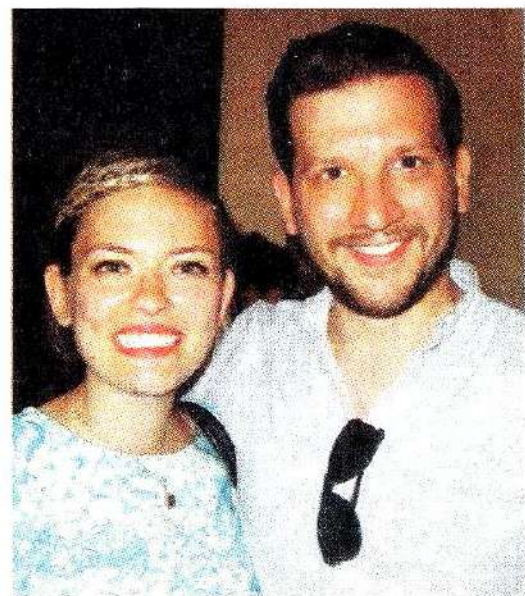
Arrasada, minha mãe me levou para passar a noite na casa do meu pai. Os delírios pioraram. Comecei a bater na porta trancada, berrando: “Me tirem daqui!” Imaginava que meu pai tinha matado sua mulher.

No dia seguinte, minha mãe, meu padrasto e meu namorado me levaram de volta ao neurologista para fazer um eletroencefalograma. No caminho, abri a porta do carro e tentei saltar. Meu namorado me segurou e meu padrasto acionou a trava das portas. Gritei até chegarmos ao médico.

Horrorizados com minha paranoia crescente, e apesar da hesitação do neurologista, minha mãe e meu padrasto decidiram ir ao Centro Médico Langone da Universidade de Nova York. Lá, enquanto esperava um leito, tive a terceira convulsão e fui levada para o setor de epilepsia. Os enfermeiros colaram sensores de eletroencefalograma na minha cabeça e fui monitorada o tempo todo por câmeras no teto.



(À esquerda) Em estado crítico, Susannah imaginava que havia furgões das emissoras de TV na porta do hospital. (Abaixo) Já recuperada, com o namorado, Steve Grywalski.



*Convenci-me de que era bipolar  
E QUE ESTAVA SOFRENDO  
um colapso nervoso.*

Por duas vezes arranquei os eletrodos da cabeça, puxei o cateter do soro intravenoso, deixando o sangue jorrar da veia, e corri aos berros pelos corredores. Os enfermeiros me seguraram e me deram um sedativo. Hoje é difícil ouvir as coisas em que acreditei durante a loucura. Quando ligava a TV, eu me imaginava no noticiário e pensava que furgões com parabólicas, de todas as grandes redes, estavam acampados diante do meu quarto no hospital. Achava que minha colega de quarto gravava minhas conversas e falava de mim com a família em outro idioma.


Duas semanas se passaram. Todo dia, novos médicos apareciam para me ver: clínicos gerais, especialistas em doenças infecciosas ou em sistema

imunológico, psiquiatras e psicofarmacologistas. Pediram ressonâncias, ultrassonografias, radiografias, tomografias por emissão de pósitrons e uma infinidade de exames de sangue. Todos com resultado negativo. Ninguém conseguia uma resposta.

Meu pai vinha pela manhã e me servia o café. Minha mãe vinha à tarde, e, à noite, meu namorado ficava comigo até eu adormecer. Nunca faltaram um dia sequer.

Meu pai rezava. “Pedi a Deus que me levasse, ali, naquela hora, ou fizesse comigo o que quisesse, desde que Susannah fosse curada”, escreveu no seu diário.

Os delírios paranoicos começaram a se reduzir quando aumentaram a dose de ziprasidona e lorazepam,



*“Lembro-me de  
abrir os olhos  
enquanto os  
cirurgões  
CORTAVAM MEU  
CÉREBRO.”*

mas meu estado geral piorava. Não conseguia mais ler. Minha língua se enrolava, falar era complicado e passei a ter dificuldade para andar. Os amigos estavam alarmados com meu estado passivo e incoerente.

Os médicos começaram a falar de um especialista chamado Dr. Souhel Najjar. “Ele conseguiria descobrir o que é isso”, disseram. Chegaram a apelidá-lo de Dr. House. Minha mãe pediu para falar com esse médico e, depois que duas punções de líquido raquidiano revelaram uma contagem elevada de leucócitos, o que indica inchaço do cérebro, o caso foi oficialmente transferido para o Dr. Najjar, neurologista, neuropatologista e epileptologista do Centro Médico da Universidade de Nova York.

Minha família se animou com o Dr. Najjar. Ele segurou minhas mãos e

disse: “Vou descobrir o que você tem e dar um jeito.” Então me deu lápis e papel, e pediu: “Desenhe um relógio.”

Peguei o lápis e fiz um círculo. Sentindo-me um pouco confusa, desenhei o fundo do relógio.

Meus pais ficaram boquiabertos.

Todos os números estavam escritos no lado direito do relógio, sem nenhum no lado esquerdo.


O Dr. Najjar agora tinha cinco pistas: convulsões, catatonia, pressão alta, contagem elevada de leucócitos no líquido raquidiano e o relógio esquisito. Eram provas preliminares de que o lado direito do meu cérebro (que controla o lado esquerdo do corpo) estava inflamado. Ele achava que eu tinha algum tipo de encefalite autoimune: um inchaço do cérebro causado por um ataque de anticorpos malcomportados.

Para confirmar o diagnóstico, ele mandou amostras do meu sangue e do líquido raquidiano para Josep Dalmau, neurologista da Universidade da Pensilvânia, mas teríamos de esperar duas semanas pelo resultado. Enquanto isso, o Dr. Najjar pediu uma biópsia do cérebro.

No dia seguinte, fui levada à UTI. Lembro-me de abrir os olhos enquanto os cirurgiões cortavam meu cérebro e dizer algo como “estou acordada”. E de o anestesista me olhar e murmurar: “M\*\*\*a!”

Minha mãe acha que foi apenas mais uma alucinação. Para mim pareceu muito real, mas não posso confiar na minha mente.

Depois da cirurgia, o exame de sangue e de líquido raquidiano revelou anticorpos raros chamados antirreceptores de N-metil-D-aspartato, ou antirreceptor de NMDA. O nome significa que os receptores do lobo frontal (responsável pelo raciocínio cognitivo superior) e dos lobos temporais (considerados o centro emocional do cérebro) são atacados pelo sistema imunológico. Meu corpo atacava meu cérebro.

 Dr. Dalmau descobriu e batizou esses anticorpos em 2007. Até então, quem sofria com a mesma loucura que eu recebia diagnósticos errados e acabava internado em hospitais psiquiátricos, quando não morria. Os especialistas não têm certeza da causa da encefalite associada ao antirreceptor de NMDA, embora

acreditem que seja provocada por uma combinação de tendência genética com algum gatilho ambiental. De acordo com os estudos do Dr. Dalmau, a doença surge por volta dos 20 anos, e cerca de 75% das vítimas são mulheres. Todas mostram formas de comportamento psicótico; algumas apresentam catatonias. Cerca de 80% têm convulsões. O Dr. Najjar estimou que, na época da minha internação, quase 90% dos casos não eram diagnosticados. Na verdade, fui a primeira no Centro Médico Langone da Universidade de Nova York a receber o diagnóstico da doença.

O Dr. Najjar não perdeu tempo para me tratar. Primeiro veio a imunoglobulina intravenosa, que reduz os “anticorpos ruins” que atacam o cérebro. Depois, uma dose elevada de esteroides para reduzir a inflamação. Finalmente, ele utilizou uma máquina de plasmáfereze, que extrai os anticorpos prejudiciais por meio de um cateter intravenoso no pescoço.

O tratamento inicial durou cerca de uma semana e logo recebi alta. Seis meses depois, ainda tomava esteroides, mas pude voltar ao trabalho. Dali a um ano, os médicos disseram que eu estava 100% recuperada. Agora, ao folhear o diário do meu pai, parece que leio sobre uma estranha.

“Eu só sabia que ela estava viva e seu espírito, intacto”, escreveu ele no fim, palavras que me provocam lágrimas. “Tivemos de lidar com mais internações, consultas médicas e muitos medicamentos, mas minha garotinha estava a caminho de casa.” ■